



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## **PSICOTERAPIAS CORPORAIS PODEM AUXILIAR NO TRATAMENTO DO AUTISMO?**

**Fabiana Soares Fernandes**

### **Resumo**

Esse estudo buscou estabelecer uma relação entre o autismo e as Psicoterapias Corporais, com o objetivo de verificar se as Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento e desenvolvimento de pessoas com Autismo. Para isso, buscou-se primeiramente conhecer o autismo, suas características e as dificuldades apresentadas pelo autista, especialmente as que se relacionam com a questão corporal. Paralelamente, buscou-se conhecer as Psicoterapias Corporais e suas possíveis formas de atuação. Este levantamento de dados foi realizado através de pesquisa bibliográfica exploratória em livros e artigos científicos. Baseando-se nas informações coletadas foi possível perceber que as Psicoterapias Corporais podem contribuir para o desenvolvimento de pessoas autistas, uma vez que possuem por objetivo geral reencontrar a capacidade do ser humano de regular a sua própria energia e, por consequência, seus pensamentos e emoções, oferecendo a ele a oportunidade de alcançar uma vida mais saudável

**Palavras-chaves:** Autismo; Bioenergética; Psicoterapias Corporais

---

O objetivo principal deste estudo é investigar se as Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento de crianças autistas.

Para que esse trabalho seja melhor compreendido, dividimos em duas partes principais. Num primeiro momento falaremos brevemente sobre o Autismo e suas características principais, a fim de familiarizar o leitor com esse Distúrbio do Desenvolvimento. Daremos uma ênfase maior no que diz respeito à constituição do corpo no Autismo, além de fazer uma referência as estruturas de esquema e imagem corporal, e sua importância no tratamento desse Distúrbio. Num segundo momento, procuramos conhecer um pouco sobre as Psicoterapias Corporais e uma de suas especializações: a Análise Bioenergética, bem como sua possível contribuição no tratamento do Autismo. A metodologia utilizada na elaboração desse estudo foi a pesquisa bibliográfica exploratória em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Almeja-se com esse trabalho mostrar que as Psicoterapias Corporais podem contribuir para o desenvolvimento de pessoas autistas ao possibilitar, entre outras atuações, o reencontro do indivíduo com seu corpo, percebendo-o e dominando-o,



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

tornando-se liberto das couraças construídas ao longo dos tempos, tornando-se um ser detentor de um corpo saudável.

## O autismo

De acordo com Gauderer (1993), o autismo manifesta-se por profundas alterações do comportamento, que instalam-se precocemente na infância. É uma síndrome formada por um conjunto de alterações do comportamento que, embora não sejam exclusivas do autismo, constituem uma constelação clínica, não integralmente reproduzida em nenhuma outra doença.

Após muitas controvérsias quanto à sua definição e classificação, atualmente encontramos o Autismo incluído nos transtornos globais do desenvolvimento. Na CID-10 (Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento, da Organização Mundial da Saúde, 1993), encontra-se a definição dessa síndrome dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, como Autismo Infantil – F84.0 e Autismo atípico – F84.1 e, no DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria, 2000), também dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, encontramos o Transtorno Autista – 299.

Conforme Baptista e Bosa (2002), durante muito tempo prevaleceu a noção de pessoas com autismo como sendo alheias ao mundo ao redor, não tolerando o contato físico, não fixando o olhar nas pessoas e interessando-se mais por objetos do que por outras pessoas ou, ainda, nem mesmo discriminando seus pais de um estranho na rua. A mídia e a literatura debruçaram-se sobre a imagem do “gênio” disfarçado, engajado em balanços do corpo e agitação repetitiva dos braços. “Estudos recentes têm comprovado o que os profissionais envolvidos com a criança já sabem: nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento” (Trevarthen *apud* Baptista & Bosa, 2002, p. 34).

Alguns, ao contrário, podem buscar o contato físico, inclusive de uma forma intensa, quando não “pegajosa”, segundo pais e professores. Também existem evidências de que crianças com autismo desenvolvem comportamentos de apego em relação aos pais (mostrando-se angustiados quando separados deles, buscam sua atenção quando machucados, aproximam-se deles em situação de perigo), de uma forma diferenciada (Capps, Sigman e Mundy *apud* Baptista & Bosa, 2002, p. 34).



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Na opinião de Baptista e Bosa (2002), a forma como os autistas comunicam suas necessidades e desejos não é imediatamente compreendida, se adotarmos um sistema de comunicação convencional. Um olhar mais cuidadoso e uma escuta atenta permitem-nos descobrir o grande esforço que essas crianças parecem desprender para lançar mão de ferramentas que as ajudem a ser compreendidas.

Ainda de acordo com Baptista e Bosa (2002), os estudos de observação minuciosas de crianças autistas (utilizando filmagens) mostram que os olhares são mais freqüentes do que se imagina. O que ocorre é que são breves e, por isso, muitas vezes imperceptíveis. Na verdade, a freqüência do olhar muda com o contexto, e esse é mais comum, e tende a ser mais longo, naquelas situações em que a criança necessita da assistência do adulto do que naquelas em que está, por exemplo, brincando com o adulto. Nesse caso, as teorias sócio-cognitivas ajudam a compreender a pouca freqüência do olhar: não olham porque não sabem a função comunicativa do olhar para compartilhar experiências com as pessoas, - uma habilidade que se desenvolve ao longo do primeiro ano de vida do bebê. Essa suposição parece trivial, mas faz uma diferença quando aplicada em um contexto de intervenção com os pais: não olhar porque não compreende a extensão das propriedades comunicativas do afeto e do olhar é diferente de não querer olhar.

## **O Corpo no Autismo**

Levin (2000) afirma que no autismo, o corpo da criança não tem outra referência do que a de estar à margem. Diferentemente da psicose, não tem uma relação de univocidade à linguagem (modelo materno), e sim de exclusão. O corpo é pura carne sem ligação representacional, é puro real.

Para esse autor o corpo no autismo permanece mudo, silencioso, carente de qualquer gestualidade, mantém-se encapsulado e coisificado nessa única posição do mutismo. Mutismo que não se produz por ter um problema na audição, mas porque o que olha e escuta é o seu não lugar. Posição mortífera onde nenhum significado remete a outro, nem ordena a linguagem. Tanto o corpo quanto as posturas, o tônus muscular, os movimentos, o silêncio, o espaço e o tempo, estão numa relação de exclusão à linguagem. Não fazem superfície, não fazem borda. Deste modo, o corpo da criança



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

autista movimenta-se num tempo eterno, infinitamente, sem pausa, num espaço sem limites, sem um lugar no qual possa orientar, navegando no vazio próprio da coisa inerte.

Ferreira e Thompson (2002) informam que o autista apresenta dificuldade de compreender seu corpo em sua globalidade, em segmentos, assim como seu corpo em movimento. Quando partes do corpo não são percebidas e as funções de cada uma são ignoradas, pode-se observar movimentos, ações e gestos pouco adaptados. O distúrbio na estruturação do esquema corporal prejudica também o desenvolvimento do equilíbrio estático, da lateralidade, da noção de reversibilidade; funções de base necessárias à aquisição da autonomia e aprendizagens cognitivas.

Na opinião desses autores, não deve ser esquecido que os autistas possuem seus próprios desejos, preferências e personalidade, nem ignorar os outros aspectos do desenvolvimento. A linguagem, sobretudo, é constituinte do sujeito, sendo base para a estruturação psíquica, cognitiva e também psicomotora. Ao falar de corpo, o objetivo é ajudar a pessoa autista a superar algumas de suas dificuldades, permitindo seu desenvolvimento em outros planos, oferecendo novos meios de expressão, favorecendo a conscientização, possibilitando o acesso a funções importantes como o olhar e o tocar, buscando melhorar sua qualidade de vida.

## **Esquema Corporal e Imagem Corporal**

Segundo Levin (2000), o esquema corporal é o que se pode dizer ou representar acerca do próprio corpo. A representação que temos do mesmo é da ordem do evolutivo, do temporal. Dentro do esquema corporal encontram-se as noções de proprioceptividade, interoceptividade e exteroceptividade. Na evolução psicomotora da criança, o esquema corporal irá se construindo, ele é suscetível à mensuração e à comparação com outro; por exemplo, nas medidas padronizadas em que a criança corresponde a cada idade, um peso, uma altura, etc.

Para Ferreira e colaboradores (2002), o esquema corporal é elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo. A estruturação espaço-temporal, fundamenta-se nas bases do esquema corporal sem o qual a criança, não se reconhecendo em si mesma, só muito dificilmente poderia aprender



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

o espaço que a rodeia. Torna-se necessário que a criança adquira o domínio corporal, o reconhecimento corporal e a passagem para a ação. Sem essas habilidades, uma criança, por exemplo, poderá chocar-se constantemente com os amigos durante brincadeiras que envolvam corrida, se machucar ao passar por espaços limitados e sentir dificuldades em transferir líquidos de um recipiente para outro ou entornar os líquidos ao bebê-los. As etapas do desenvolvimento do esquema corporal abrangem o corpo vivido, o conhecimento das partes do corpo, a orientação-espaço-corporal e a organização espaço-corporal, no qual, além da maturação neurológica e sensorial, é essencial a vivência social.

De acordo com Levin (2001), o estágio do espelho tem um papel essencial na constituição da imagem corporal da criança. O gesto dela diante do espelho convoca ao olhar do outro que confirma essa imagem própria. Este gesto implica um movimento postural que, por um instante, a descentra do espelho e a aliena mais uma vez enlaçando-a ao outro. A transformação implícita, via identificação, o fascínio pela imagem especular determina mudanças posturais e corporais que organizam a construção corporal a partir do espelho virtual da criança.

Ferreira e Thompson (2002) falam que a imagem corporal é um conjunto de informações que constituem um sujeito diante de si, do outro e do mundo. A construção da imagem passa necessariamente pelo outro e pela cultura. O sujeito aprende a ver com os olhos dos outros. Mas, para além do olhar, há muito mais. Há a linguagem inscrita na forma desses que olham e que reconhecem o sujeito, lhe dão um rosto, um semblante, uma expressão. A imagem passa pelos cuidados recebidos, pelo amor e desamor, pelas frustrações, privações e castrações simbólicas.

O esquema corporal de uma criança autista certamente se encontra perturbado, informa Levin (2000), mas não por uma falha no esquema corporal, mas pela ausência, pela carência do outro que não fez a inscrição, que não fez os contornos deste corpo, que não gerou desejo, imagem, que para serem geradas irão necessitar um outro que imagine que ali há um sujeito e não uma “coisa” (objeto). Deste modo, a criança poderá espelhar-se nessas imagens (no olhar desejante), no outro que assim outorga a possibilidade de construir um esquema e uma imagem corporal.



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **As Psicoterapias Corporais**

A Psicologia Corporal é uma ciência que se dedica a estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente, tratando-as em seu conjunto e em sua relação funcional. Tem por objetivo reencontrar a capacidade do ser humano em regular a sua própria energia e, por conseqüência, seus pensamentos e emoções.

Suas raízes encontram-se nos trabalhos desenvolvidos por Wilhelm Reich (1897-1957), médico austríaco que abandonou a técnica da psicanálise quando descobriu que o corpo contém a história de cada indivíduo e é por meio dele que devemos resgatar as emoções mais profundas restabelecendo a mobilidade biopsíquica através da anulação e/ou flexibilização da couraça caracterológica e muscular. O caráter se forma com base nos bloqueios sofridos nas etapas do desenvolvimento psico-emocional que a criança atravessa desde o momento da fecundação e serão decisivas para a formação de seu caráter. Um estresse sofrido em uma ou mais etapas irá determinar o tipo ou traço de caráter e conseqüentemente a forma dessa pessoa funcionar perante a vida.

Com o intuito de realizar um trabalho de resgate de auto-estima e de propriocepção, (fundamentais no trato com autistas), a psicoterapia corporal tem muito a contribuir, uma vez que:

É uma abordagem humana que busca compreender todo o ser vivo como uma unidade de energia que contém em si dois processos paralelos: o psiquismo (mente) e o soma (corpo). Tem por objetivo reencontrar a capacidade do ser humano de regular a sua própria energia e, por conseqüência, seus pensamentos e emoções, oferecendo a ele a oportunidade de alcançar uma vida mais saudável (VOLPI & VOLPI, 2002, p. 8)

Dentre as Escolas Corporais, a Análise Bioenergética é uma delas. Tal escola acredita que o processo energético está envolvido em todas as manifestações da vida: movimentos, sentimentos e pensamentos, os quais se manifestam como unidade, representada pela carga (retenção) e descarga (expansão). De certa forma, esta idéia está inserida dentro da visão holística do homem, ou seja, da visão de todo deste homem.



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Alexander Lowen foi quem desenvolveu a Análise Bioenergética, a partir dos estudos que realizou com Reich. Defende a tese fundamental da bioenergética, segundo a qual “(...) corpo e mente são funcionalmente idênticos, isto é, o que ocorre na mente reflete o que está ocorrendo no corpo, e vice-versa” (LOWEN, 1985). O corpo fala tanto quanto a palavra, pois a palavra não se apresenta descontextualizada do corpo, ou seja, sem gesto, sem tom de voz, sem forma corpórea. Corpo vivo que, dialeticamente, se confronta com sentimentos contrários ou ambivalentes de dor e prazer, conforto e desconforto, realização e frustração. Corpo que é limitado e finito, e também programado segundo padrões genéticos. Contudo, não é predeterminado, daí não ser entendido como uma “máquina”, pois é sempre passível de movimentos novos, re-invenções de atitudes, transformações criativas, estritamente emocionais e eminentemente humanas, representando simbolicamente a existência.

Lowen (1982) afirma que os processos energéticos do corpo determinam o que acontece na mente, da mesma forma que esta determina o que acontece no nível do corpo. Essa idéia confirma o sentido dialético da relação entre corpo e mente, no estabelecimento de uma unidade funcional em constante diálogo. Os processos energéticos do corpo estão relacionados ao estado de vitalidade, que em geral se apresenta comprometido em condições patológicas, como no autismo.

A Bioenergética segundo Lowen (1984), tem como objetivo ajudar a todos os indivíduos a se abrirem para a vida, para os outros, para o mundo, para o amor. Ela permite estabelecer uma comunicação mais humana e verdadeira, Para que isto aconteça, é preciso desfazer a estagnação da energia vital (a libido), diluindo a couraça, ou blindagem muscular, o que se torna possível pela criação de espaço de vínculo com o outro, com o objetivo de fazer o sujeito manifestar seus conflitos profundos, vivê-los simbolicamente; através de exercícios desenvolvidos ou adaptados pela Bioenergética.

Para que o sujeito se perceba como corpo, é de fundamental importância o uso das histórias, do sonho acordado dirigido - relaxamento mediante uso de história imaginada – bem como os exercícios de imagem corporal que não devem ser esquecidos. Nas atividades que faz sozinha, o indivíduo aprende que é capaz e valoriza-se, toma consciência corporal e como consequência valoriza sua imagem corporal, condição necessária à adesão de um sujeito a um corpo. Portanto é necessário que o indivíduo sinta, perceba seu corpo, para então representá-lo de alguma forma. A imagem de corpo



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

é formada a partir das vivências a ela proporcionadas. Quanto mais ricas forem essas experiências, tanto mais produtivas serão as suas ações. Quando estas vivências forem de aspecto repressivo, impedindo a expressividade do sujeito, poderá formar um encorajamento, necessitando futuramente de uma análise Bioenergética, para liberar o fluxo de energia reprimida.

Na psicoterapia corporal, a atitude terapêutica consiste em assumir-se uma postura ativa frente ao cliente. O terapeuta, na relação, diante das resistências evidenciadas, pode propor exercícios expressivos, posturas, alongamentos, ou intervenções corporais por meio de toques terapêuticos, objetivando trabalhar as tensões musculares do cliente, possibilitando o desbloqueio físico, portanto corporal e emocional (conforme a visão da unidade funcional mente-corpo já comentada anteriormente). Esse trabalho terapêutico de desbloqueio de tensões no corpo procurará abrir caminho para o cliente viver de maneira mais saudável, visto que poderá propiciar a auto-expressão de suas emoções, a partir da ampliação das fronteiras do conhecimento de si próprio. No contexto protegido da relação terapêutica, o terapeuta auxiliará no encorajamento da aceitação e da expressão dos sentimentos (LOWEN, 1985).

Os estudos clínicos de Wilhelm Reich trouxeram o conhecimento analítico sobre o corpo, afirmando que o “*corpo é o Inconsciente*” (GAIARSA, 1986, p. 12). E esse inconsciente é visível, como afirmava Reich (1972). Sendo inconsciente, o corpo sente e faz sem que se perceba, de imediato, a sensação ou ação. No aspecto visível, podemos olhar a expressão da linguagem não-verbal, traduzida pela gesticulação e movimentos do corpo. Reich (1972) afirmava: “Amor, trabalho e sabedoria são fontes da nossa vida. Deviam também governá-la”. Por essa visão, o indivíduo saudável é compreendido como organismo que pulsa no corpo e nos vínculos sociais, ou seja, a saúde será tanto mais presente quanto melhor for a ação espontânea natural e individual do movimento da musculatura; o corpo irá conseqüentemente refletir-se a relação do cliente com o mundo.

### **Considerações Finais**

É essencial ficar entendido que intervir num processo vivencial é intervir na totalidade humana, seja essa intervenção através do olhar, do escutar, do tocar ou do





FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

falar. Provocar alguma variação numa experiência é alterar a vivência global do indivíduo em sua forma de ser e estar no mundo.

Através do toque, das carícias e massagens no corpo conseguimos relaxar as tensões musculares, provocando um estado de relaxamento e prazer. Os toques corporais facilitam o estabelecimento de vínculos, fortalecem a auto-confiança, aumentam a energia, a vitalidade e a capacidade de realização. Esse bem-estar proporcionado pelo toque pode ser o facilitador de mudanças. A busca pelo prazer leva ao abandono do desprazer.

Para uma criança autista, o corpo pode ser um objeto de angústia e de pânico, sobretudo se ele não é bem estimulado e compreendido. Por isso, é necessário que ele se torne um pólo de segurança e estabilidade. É nesse quadro que as Psicoterapias Corporais aparecem como um meio de busca da unidade da pessoa, estabelecendo uma relação estreita entre o psíquico e o orgânico. A partir de experiências sensório-motoras, ele poderá aumentar sua relação com o mundo, inicialmente impossível pela dificuldade de entrar em contato com os outros, seja por meio do toque ou por meio do olhar.

A responsabilidade pela construção das tensões crônicas do corpo recai sobre a repetição de fatores ameaçadores encontradas no ambiente. Nesse estado, o corpo - contraído, tenso, encouraçado - perde a espontaneidade, a sua essência natural. Os movimentos tornam-se limitados, com pouca flexibilidade e estagnação da energia. Onde não há fluidez energética acumulam-se as toxinas, o que pode favorecer o desenvolvimento de gorduras e doenças em geral (WOODMAN,1980).

No caso do autismo, as Psicoterapias Corporais têm um papel relevante. Através do trabalho da Análise Bioenergética compreende-se o conteúdo verbal integrado à leitura dos processos energéticos corporais. Os trabalhos com a respiração e com os movimentos expressivos podem promover o alívio das tensões e resgatar não somente a espontaneidade dos movimentos como também a fluidez da energia estagnada, além das emoções há muito guardadas, não expressadas e em total desuso.

Assim, pode-se perceber no desenvolvimento desse estudo que as Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo, à medida que, por uma lado permitem o reencontro com do autista com seu corpo, através da auto-percepção e autodomínio do próprio corpo, e por outro lado eliminam as couraças que foram construídas ao longo do tempo, libertando esse corpo para expressar-se e permitindo a



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

fluidez energética. Com essas abordagens estaremos permitindo ao sujeito uma integração melhor à sociedade e estaremos diante de um corpo saudável.

---

## Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM IV- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Trad. Dayse Batista. 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BAPTISTA, C. R. & BOSA, C. (Orgs.) (2002). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed.

FERREIRA, C. A. de M. e colaboradores (2002). **Psicomotricidade Clínica**. São Paulo, SP: Lovise.

FERREIRA, C. A. de M. & THOMPSON, R. (Orgs.) (2002). **Imagem e Esquema Corporal**. São Paulo, SP: Lovise.

GAIARSA, J. A. **O que é o corpo**. São Paulo: Brasiliense, 1986

GAUDERER, Christian E. **AUTISMO**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1993.

LEVIN, E. (2000). **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. Trad. De Julieta Jerusalinsky. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

LEVIN, E. (2001). **A infância em Cena**. Trad. de Lúcia Endlich Orth e Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

LOWEN, A. e LOWEN, L. **Exercícios de bioenergética**. O caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 1985

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. São Paulo: Summus, 1984.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1972

WOODMAN, M. **A coruja era filha do padeiro: obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1980.



FERNANDES, Fabiana Soares. Psicoterapias Corporais podem auxiliar no tratamento do Autismo? In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais** Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: [www.centroreichiano.com.br](http://www.centroreichiano.com.br). Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org) Psicologia Corporal. **Revista Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, vol. 2, 2002, p. 8.

**Fabiana Soares Fernandes/AM** - Especialista em Educação Infantil e Especial pela Universidade Candido Mendes/RJ; Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Manaus – CEULM/ULBRA; Professora da Universidade Federal do Amazonas, no município de Humaitá/AM. Vem realizando alguns estudos na área da Psicologia e da Educação.

**E-mail:** [fabby\\_fer@hotmail.com](mailto:fabby_fer@hotmail.com)

Este trabalho teve o Apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

